

COM QUE LINHAS TE CRUZAS?

PARTE 1: À ESPERA

19 e 26 SET e 10 OUT 18h

Estação SÃO JOSÉ - Coimbra

22 SET 17h

Estação LOUSÃ

29 SET 17h

Estação MOINHOS

19 OUT 17h

Estação MIRANDA DO CORVO

20 OUT 17h

Estação SERPINS

Um projeto do Teatrão

Em coprodução com a Metro Mondego e os Municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, e em colaboração com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra – Sociologia

Apoio Financeiro Metro Mondego
Sustentável 2030 – Programa Ação Climática e Sustentabilidade / Cofinanciado pela União Europeia

O PROJETO

Com que Linhas te Cruzas? é um projeto de intervenção artística e cívica que junta, em coprodução, o Teatrão com a Metro Mondego e os Municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo. Direciona o seu foco para o novo sistema de mobilidade urbana desta região, procurando trabalhar com as comunidades o longo e, por vezes, turbulento processo de transformação da linha férrea em Metro Bus. Neste sentido, orientámos o trabalho do projeto em quatro fases:

Fase 1 – Mapeamento Cultural;
Fase 2 – Oficinas com as populações e Dramaturgia: oficinas com habitantes da Lousã, Miranda do Corvo, Moinhos e Serpins, de modo a auscultar a relação das pessoas com a linha do comboio e os constrangimentos causados durante o seu interregno, assim como as suas perspetivas para o futuro em relação a esta nova infraestrutura de mobilidade urbana. Destas oficinas, e de uma call à cidade de Coimbra, surgiram também os grupos de intérpretes da comunidade que se juntam à equipa artística do Teatrão em cada um dos municípios;
Fase 3 – 1ª Criação, em 2024: a decorrer nas estações do Metro Bus;
Fase 4 – 2ª Criação, em 2025: a decorrer nos autocarros do Metro Bus.

O ESPETÁCULO

Com que Linhas te Cruzas? é um espetáculo com vários pontos de partida e de chegada. São pontos de chegada literais, no sentido em que as estações das linhas do Metro do Mondego são em simultâneo o cenário e a inspiração para esta viagem que nos faz refletir sobre as linhas com que nos cruzamos todos os dias. Estas linhas, espelhadas em pequenos episódios, histórias, cenas e fragmentos de vidas que ao longo de vários anos usaram a linha, viveram da linha, esperaram e lutaram pela linha, vão levar-nos através dessas memórias. São pontos de partida para projetarmos o futuro: que cidade pode construir-se a partir das linhas que nos ligam como comunidade e sociedade? Que relações e que histórias podem vir a ser as memórias que estão por construir?

Sandra Pinheiro

ENCENAÇÃO

A VIDA PODE SER FANTÁSTICA!!!!!!??????

Com que Linhas te Cruzas? vem pela mão de três contadores de história, na melhor tradição dos rapsodos. Como faladores de muita responsabilidade não abrem mão da fantasia e até da mentira, da ilusão, da magia, como forma de atrair atenção, divertir, entreter, seduzir. O momento é propício já que objetivamente trazem notícia alvissareira e recém-nascida: em breve um novo tipo de mobilidade vai rasgar os caminhos da região, trazendo para lá e para cá gente de todo género, tipo e quantidade, numa mistura mais que desejável.

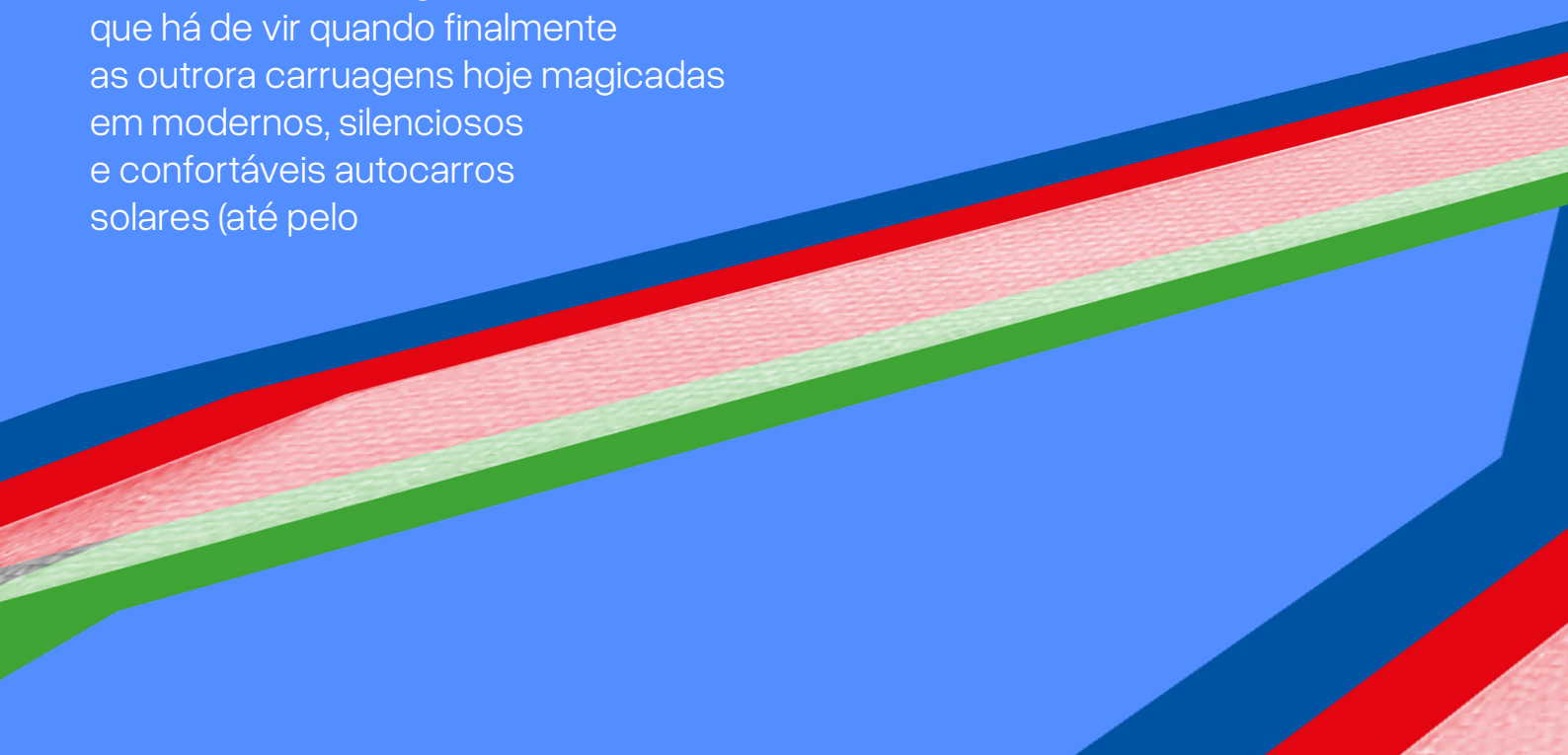
Os contadores vão juntando tropa pelos caminhos do bom Deus que percorrem. E vem com eles gente de Serpins, de Miranda do Corvo, de Moinhos, da Lousã, de Coimbra. Vão se abundando de estação por estação, contando histórias do passado da linha férrea que foi interrompida em 2009 e que tantas e quantas benevolências trouxe durante todo o longo tempo que existiu. Vão imaginando o presente que há de vir quando finalmente as outrora carruagens hoje magicadas em modernos, silenciosos e confortáveis autocarros solares (até pelo

amarelo que os veste) entrarem em funcionamento — que é para quase já, agorinha mesmo. As linhas vão se cruzando: linha da vida, linha do passado, do presente e do futuro. Linhas de geografias múltiplas.

São sábias e bonitas essas histórias que os saltimbancos trazem, o povo sempre tem coisas boas para socializar: pois não é que se cruzaram as linhas de desejo popular e suas muitas lutas e associações pela manutenção da linha férrea e a escuta do poder público, materializada em sofisticada transmutação das mitológicas carruagens de ferro nesses coletivos futuristas?

Outros tempos que se inauguram bem se pode imaginar do melhor. Tempos em que a mobilidade favoreça os estudos, as trocas, os lazeres, os bem querer e os ajuntamentos de gente daqui, dali, de acolá.

Marco Antonio Rodrigues



DRAMATURGIA

Com que linhas te cruzas?

Quando o Teatrão me lançou o convite para participar na dramaturgia de um espetáculo sobre o Metro do Mondego, a primeira ideia que me surgiu foi uma imagem — linhas. Linhas que nessa altura não estavam ainda muito definidas, mas que tinham algumas pontas que abriam inúmeras possibilidades. Surgiram então algumas linhas importantes na narrativa.

O tempo foi uma delas. A história da linha ferroviária da Lousã atravessou todo o século XX e foi determinante para o desenvolvimento das comunidades próximas de Coimbra. Por outro lado, a história do Metro do Mondego foi uma presença constante em todo o século XXI. Uma ideia presente, mas ausente, cuja materialização era sucessivamente adiada e alterada. A passagem do tempo, os episódios que se sucedem em momentos de espera e que condicionam a percepção dessa passagem constituíram, por isso, uma inspiração importante na construção da narrativa. A linha do tempo projeta ainda o futuro. Qual o impacto da linha no futuro? Quem serão os seus passageiros? Que mundos irão moldar e construir?

A comunicação e a ligação entre pontos, espaços e pessoas foi outra linha que ganhou forma na narrativa. Seguimos os universos particulares das pessoas e dos mundos transportados.

São fragmentos de vidas, que
se cruzam com as vidas
de outros,

passageiros da mesma linha, que em momentos particulares partilham a mesma carruagem, a mesma estação e, por vezes, a mesma história. Acompanhamo-los durante a viagem, dando-nos conta que também a nossa história faz parte das histórias deste emaranhado de linhas.

Emerge ainda uma terceira linha da narrativa — as diferenças entre ideias contrastantes: o velho e o novo; a urgência em contraste com a espera; o individual por oposição ao coletivo, o local em contraposição com o estrangeiro, entre muitas outras. Estas ideias contrastantes marcam cada vez mais o presente e o futuro. A capacidade de nos ligarmos e entendermos as nuances de cada realidade são determinantes para um mundo mais ligado e mais próximo. Não será essa a grande missão das linhas com que nos cruzamos?

Sandra Pinheiro

FIGURINOS E ADEREÇOS

O comboio que ligava a Lousã a Coimbra foi a linha que modelou o quotidiano dos moradores e trabalhadores da região. Em seu redor criou-se uma comunidade, de movimento pendular e de tempo lento e certo. Fizeram-se casamentos, amizades e negócios numa terra em movimento, feita de muitos lugares, para onde qualquer um podia subir ou descer.

Quando a linha foi cortada, não foi apenas o transporte público, utilitário e essencial, que se suspendeu. Foram as relações sociais e territoriais que aí tinham sido cosidas ao longo de gerações.

A suspensão da sua existência criou expectativa, saudade e sonho. Mas a saudade do que sabíamos certo, mitologia de tempos mais difíceis que bons, não deve impedir o sonho. É disso que trata o nosso espectáculo: de esboçar uma linha narrativa que ligue o que era com o que é e o que pode vir a ser.

Nele os homens são seres mutáveis e múltiplos, percorrendo o tempo e o espaço ao correr da história que contam e as suas roupas reflectem esse movimento. Evocam a história do comboio, e dos seus trabalhadores, mas transportam em cada uma das suas peças que se viram e reviram, todos os outros que o conheceram. Os figurinos são peças de puzzle que podem ser encaixadas de formas diferentes, que falam do passado e permitem encontrar um futuro.

Não se trata de reconstituir o que havia

mas de encontrar novas vias, propondo que a proximidade territorial que agora será possível possa vir a re-centrar a comunidade existente e expandi-la para incluir outros. Para isso é preciso tempo e um tempo lento, para que um lugar se construa em redor dos percursos e das estações.

Filipa Malva

MÚSICA

A criação musical deste espectáculo parte de um processo conjunto com a criação teatral – a música foi criada espontaneamente a partir do trabalho dos atores, onde uma das partes contamina a outra e vice-versa. Por um lado, há uma forte presença da música popular portuguesa, onde se incluem canções de José Afonso e José Mário Branco, assim como músicas criadas de propósito para o espectáculo que vão buscar muitos elementos desta tradição. Foram também criadas canções que tiveram como inspiração exercícios de improvisação na sala de ensaios. Estas canções, para além de partilharem o mesmo universo sonoro e poético, tentam refletir sobre um passado que não se sabe se existiu e um futuro que se sonha, realçando uma qualidade quase “fantástica” que se mantém ao longo de todo o espectáculo. Por outro lado, a música por vezes adquire um carácter experimental, quase absurdo, acompanhando e reagindo às ações dos atores em cena. Isto acontece em cenas mudas, a música puramente instrumental estabelece o tom emocional da cena quando as palavras não existem.

Miguel Cordeiro

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Dramaturgia Sandra Pinheiro

Encenação Marco Antonio Rodrigues

Elenco Teatrão Afonso Abreu, David Meco e Miguel Cordeiro

Elenco da Comunidade

Coimbra António Cardoso de Oliveira Roque, Iara Emília Bera de Carvalho
Alfredo, João Pedro Schwingel Carada, Licínia Rodrigues Ferreira, Liliana Carina
Pires dos Santos, Maria Adelaide Seabra de Oliveira, Maria do Pilar Fróis Veiga,
Maria Filomena Fresco Costa Folhas, Mariana Rosado Venâncio, Rafael Araújo
de Luca Graça, Coro Dom Pedro de Cristo

Lousã e Serpins Ana Bela Bolsa, Carlos Dias, Catarina Ribeiro, Célia Serra, Isabel
Seco, José Quaresma, Maria José Barata, Maria Leonor, Sociedade Filarmónica
Lousanense, Fin Sherry Brennan, Manuel Carvalho, Associação Filarmónica
Serpense.

Miranda do Corvo Bruna Dias, João Martins, Lúcia Dias, Madalena Barbeiro,
Matilde Sol Falcão, Mário Sol, Grupo Recreativo Mirandense.

Moinhos Ana Amaral, Ana Dias Rosado, Anabela Corino, Edgarda Brandão,
Idalina da Costa, Lourdes Camilo, M^a Cesaltina Lucas, Rosa Cravo, Sandra Vaz,
M^a Carlota Salgado, M^a Teresa Caetano, Esperança Caetano, Zaira Cruz.

Fotografia Carlos Gomes e Teresa Valente

Grafismo Studio and Paul

Vídeos Bruno Simões

Comunicação Luís Marujo, Margarida Sousa
e Francisca Tralhão (estagiária)

Produção Executiva Cátia Oliveira, Eva Tiago

Construção de Cenário e Adereços José Baltazar

Costureira Fernanda Tomás

Operação de som João Castro Gomes

Contrarregra Maria Rui Cunha

Mapeamento Cultural Alunos do 3º Ano de Sociologia Aplicada da Faculdade
de Economia da Universidade de Coimbra, sob orientação de Cláudia Pato
Carvalho e Rosa Monteiro

Concepção do projeto e coordenação do trabalho com a comunidade
Isabel Craveiro

Um projeto Teatrão © 2024

Em coprodução com Metro Mondego, Município de Coimbra, Município
da Lousã e Município de Miranda do Corvo

Em colaboração com Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Media partner Antena 1

A Metro Mondego é financiada por fundos europeus através do programa
Sustentável 2030

Agradecimento Liliana Antunes, Rute Soares.



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA



Cofinanciado pela
União Europeia



An abstract geometric composition featuring thick, overlapping lines in red, green, and blue against a solid blue background. The lines intersect to form various triangular and polygonal shapes, creating a sense of depth and movement. The red lines are the most prominent, often forming the outer boundaries of the shapes. Green lines are layered beneath the red, and blue lines are visible in the background, creating a complex, multi-layered effect. The overall style is modern and graphic.

Teatrão